

O POEMA NEGRO: OS DESDOBRAMENTOS DE UMA EXISTÊNCIA E A EXPERIÊNCIA DE UM ESPÍRITO

José Vinicius Ferreira Dias

Resumo

O Poema Negro de Augusto dos Anjos será analisado do ponto de vista formal, ou seja, os aspectos que compõe o seu tecido linguístico, incluindo as figuras de linguagem, e suas nuances. Além disso, a partir das correntes freudianas, a filosófica existencialista e a teológica de Santo Agostinho, analisar-se-á a dimensão significativa do poema em sua integralidade e metafísica existencial e materialista, levando em consideração a profundidade e a multiplicidade do estilo do autor manifestados no poema. Nesse sentido, a temática analisada ainda é considerada na sua dimensão biográfica, histórica e estilística, isto é, elementos integrantes da biografia do autor serão utilizados como “lupas” interpretativas do eu lírico que está eivado de todo um panorama histórico que fora vivenciado pelo poeta paraibano Augusto dos Anjos. Dessa forma, conjugar-se-á uma análise linguística, interpretativa e histórica da poesia, com o intento de interpretar em sua totalidade a poética agustiniana, considerada uma das mais originais do Pré-modernismo brasileiro.

Palavras-chave: Poema Negro, existencialista, metafísica, materialista, teológica.

Abstract

The Black Poem by Augusto dos Anjos will be analyzed from a formal point of view, that is, the aspects that make up its linguistic fabric, including figures of speech, and their nuances. In addition, from the Freudian currents, the existentialist philosophy and the theological of St. Augustine, the significant dimension of the poem in its entirety and existential and materialist metaphysics will be analyzed, taking into account the depth and multiplicity of the author's style manifested in the poem. In this sense, the analyzed theme is still considered in its biographical, historical and stylistic dimension, that is, integral elements of the author's biography will be used as interpretative "magnifying glasses" of the lyrical self that is riddled with a whole historical panorama that was experienced by the poet Augusto dos Anjos. In this way, a linguistic, interpretative and historical analysis of poetry will be combined, with the intention of interpreting poetics in its entirety Augustiniana, considered one of the most original of Brazilian Pre-Modernism.

Keywords: Black Poem, existentialist, metaphysics, materialist, theological.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho implica numa análise literária do poema negro de Augusto dos Anjos, rastros de sua vida entoam nestes versos com peculiaridades singulares e sincréticas entre as escolas explanando a subjetividade de um “eu” movido pelas perspectivas mundanas e fenomenológicas do espírito. A caracterização do “eu” possesso pela morte e incertezas, afim disso a análise de forma e conteúdo se arredondam numa interpretação acumulativa das correntes teóricas estudadas concomitantemente à uma visão subjetivista do escritor em vertentes que pronunciam o imaginário e a vida de Augusto dos Anjos. Diante as análises técnicas e interpretativas o desenvolvimento do trabalho se volta para questões existenciais, onde a ênfase se impregna nos diversos sentidos que a vida se atém.

Os aspectos fônicos, sintáticos e semânticos analisados instigam ainda mais o poder de significância dessa obra e desse autor em confluência as peculiaridades de Augusto e a síntese simbólica dos olhares freudianos, abrangendo o inconsciente e as indagações explícitas de Sartre em comunhão com Soren Kierkegaard na divergência em que se entorna Santo Agostinho aos aspectos humanos com a filosofia centralizada na figura de Deus e nos males mundanos consequentemente inerentes a nos mesmos mas de possível redenção.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

São usadas três correntes, sendo duas as mais importantes no trabalho a freudiana, e existencialista, e algumas das premissas da filosofia antiga com Santo Agostinho acentuada numa perspectiva humana e as possíveis influências que caracterizam o todo na sociologia, com os autores que trabalham as possíveis e inalcançáveis ideais no ser e no social que o revela como construção e construtor da própria história.

3 METODOLOGIA

Em análise contextual, o aprendizado do conteúdo do livro Versos, sons e ritmos e as correntes são o embasamento metodológico de todo o artigo e em mesma instância as normas aplicadas em toda a estrutura, a seguinte formatação.

Dividido em contexto histórico, poema e fundamentação teórica. Insere em seus níveis as subdivisões contextualizando o todo em um ponto central “O Poema Negro” de Augusto dos Anjos.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E LITERÁRIA

O pré-modernismo está inserido numa transição entre o tradicionalismo das diversas escolas literárias que a anteciparam e a precedência do modernismo. O contexto num aspecto geral passa por vários acontecimentos que se dá o nome de “Belle Époque” na Europa com as múltiplas invenções e inovações nos meios tecnológicos. Assim a rápida aceleração dos países e o conturbado momento em que o Brasil se encontra no conflito entre os estados de São Paulo e Minas Gerais o famoso café com leite fornece atenção especial para uma posição mais revolucionária diante tantas imposições cômodas e prejudiciais para a vida em sociedade, a priori em consonância com o autor que iremos trabalhar expunha as linguagens literárias que circulam como meio de denunciar o vivido e conscientizar as possíveis explorações com o povo e a centralização dos pormenores marginalizados e esquecidos na sociedade em detrimento do progresso e da expansão da igualdade. Em síntese os autores ainda se encontram numa escrita que se detém a certo registro culto e as metrificações, mas é senão a partir dessa transição que os olhos se voltam para a escola modernista, onde de certa maneira os eu’s nas obras se tornam mais explícitos e mais engajados na política do contexto em que se encontram. Assim sendo, a ponte para a iluminação das divergências entre homem e sociedade.

5 VIDA E OBRA: AUGUSTO DOS ANJOS

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu em 20 de abril de 1884 no engenho Pau D'arco Cruz do Espírito Santo, hoje município de Sapé, morrendo em Leopoldina-MG no ano de 12 de Novembro de 1914. Desde muito novo seu pai fora de grande influência na sua vida intelectual, ensinando-lhe os primeiros passos de sua vida acadêmica e de escritor. Sua trajetória exhibe um garoto que sempre escrevia debaixo do pé de tamarindo, poesias de cunho e profundo nível do “eu”, a mudança para a capital João Pessoa em 1900 lhe proporcionou a vida interina no Liceu Paraibano, onde terminou os estudos e volta como professor de Literatura mais tarde depois de bacharela-se no curso de Direito em Recife 1903 e 1907, voltando ao Liceu conhece sua esposa Êster Fialho, o mesmo viaja ao Rio para edição do seu livro “EU” ao tempo que seu filho prematuro morre, a fim nasce mais um filho seu e as situações chegam a se dificultarem trabalhando mutuamente em diversos setores para o sustento da sua família, a chamada para a direção escolar em 1914 numa escola em Leopoldina o motiva a continuar, visto a melhora da consequente situação algum tempo depois. Vítima da pneumonia por doze anos morre em Minas Gerais.

6 *Sartre e Søren Aabye Kierkegaard*

Para o existencialista a ideia do ser se pauta na própria existência do homem, a de que nada o preceda senão o próprio nascimento, a ideia de liberdade inerente ao ser humano e o enfado de carrega-la por toda vida. As ideias sartrianas se detêm ao materialismo, numa realidade em que se podem enxergar os desdobramentos da própria existência e as acumulações mundanas que envolvem o poder de escolher e de abdicar caminhos abrindo portas para as angústias. Conceitos particulares de sua obra debruçam-se sobre a vontade de se ter uma essência e o desamparo existencial, como também o sentido de liberdade e a decadência das obrigações e suas consequências e na subjetividade do sujeito de projetar o “sucesso” de sua existência nas mais possíveis degradações do meu meio para com si. Em anexo Søren se atém ao valor e as paixões, no entanto percussor da corrente existencialista tem-se o olhar comumente parecido o com de Sartre levando

em conta a sua singularidade que enfatiza termos como a presença do tédio como o maior mal humano e valorização as credulidades que se apropriam de certezas estritamente ligadas ao indivíduo que as tem e o peso de suas paixões pela vida. Sintetizando esses dois autores resplandece a ideia de que temos total responsabilidade sobre nossos atos mesmo que estes ainda se dividam.

7 Freud

Senão o percussor do inconsciente e dos íntimos segredos das mentes humanas. O autor exprime em suas obras o a conjuntura que compõe a personalidade humana e as passíveis omissões que o sujeito faz em prol do certo e do bom. A caracterização se funda em três níveis de personalidade, o id proveniente resultado dos impulsos instintuais convenientemente ligado aos desejos mais primitivos, o ego parte que tenta racionalizar as impulsões do ego de forma a segmentar-se num certo balanceamento entre o id e o superego, último dessa conjectura totalmente idealizadora, seguidora da moral. Os níveis de inconsciência se agregam de maneira particular ao indivíduo acionando diversas manifestações, transtornos durante a vida e históricas contradições com o sentido da mesma, possivelmente obras como “O futuro de uma ilusão” e “O mal estar na civilização” exploram os distúrbios do sujeito enquanto indivíduo social e relacionável. As interpretações freudianas sujeitam a vitalidade da vida num chave que permanece, a de libido que por si só move o homem, e suas eminentes vontades ligadas ao princípio do prazer e a interpretação do inconsciente por meio da psicanálise e dos sonhos que protagonizam o sujeito.

8 Elementos Linguísticos do “Poema Negro”

O “**POEMA NEGRO**” é composto por vinte estrofes com uma sextilha cada, possuindo rimas encadeadas com uma contagem de AABCCB cada conjunto de versos, tem em sua desenvoltura uma rima rica por ventura rara e preciosa com as últimas palavras dos versos entre classes de sentidos

opostos, embora rítmicos com a mescla de uma rima aguda¹ e grave² respectivamente entre oxítonas e paroxítonas sem estrutura fixa transpassando os limites de uma composição tradicional pelo segmento único de sextilhas inteirando-se de rimas externas ao fim dos versos. O nível semântico se integra de figuras de composição morfológicas e de significações, onde o sentido fônico será reproduzido de maneira singular e própria do poema.

Figuras de linguagem

A METÁFORA

“Nos meus olhares fúnebres, carrego / A indiferença estúpida de um cego / E o ar indolente de um chinês idiota!” (DOS ANJOS, 1998, p.45)

De maneira implícita atribui ao olhar fúnebre, no caso a morte os olhos fechados de um cego e a passiva imagem indolor de um chinês idiota.

SINESTESIA

Em vão com o grito do meu peito impreco!
Dos brados meus ouvindo apenas o eco,
Eu torço os braços numa angústia douda
E muita vez, à meia-noite, rio
Sinistramente, vendo o verme frio
Que há de comer a minha carne toda!
(DOS ANJOS, 1998, p.45)

A mescla de sentimentos é muito variável na poesia de Augusto dos Anjos, a primeira estrofe usa a audição na escuta do eco, o contato tátil do “eu” lírico com os seus próprios braços, a visão de uma figura a parte que utilizará de seu paladar para o comer.

“Amarrado no horror de tua rede, / Deste-me fogo quando eu tinha sede... / Deixa-te estar, canalha, que eu me vingo!” (DOS ANJOS, 1998, p.46)

As próprias necessidades explicitadas nos outros versos comungam da própria existência dos sentidos.

ANTÍTESE

“Eu torço os braços numa angústia douda / E muita vez, à meia-noite, rio” (DOS ANJOS, 1998, p.45)

¹ Feminina

¹ Masculina

² Masculina

O sentimento de angústia e melancolia inverte-se nos risos.

“Súbito outra visão negra me espanta! / Estou em Roma. É Sexta-feira Santa.”
(DOS ANJOS, 1998, p.46)

A própria visão dogmática religiosa de um dia santo que se iguala a um dia de luz é contrária na visão negra do “eu” na obra.

COMPARAÇÃO OU SÍMILE

Então meu desvario se renova...
Como que, abrindo todos os jazigos,
A **Morte**, em trajos pretos e amarelos,
[...] Eu fui caindo como um sol caindo
De declínio em declínio; e de declínio
[...] Em declínio, como a gula de uma fera,
Quis ver o que era, e quando vi o que era,
Vi que era pó, vi que era esterquilínio!
(DOS ANJOS, 1998, p.46)

Vê-se a pronúncia explícita do “como” abrindo as portas para a morte e o processo de caimento como um sol de pouco a pouco até chegara à noite.

EUFEMISMO

“Tu não és minha mãe, velha nefasta! / Com o teu chicote frio de madrasta / Tu me açoitaste vinte e duas vezes...” (DOS ANJOS, 1998, p.46)

A atenuação da palavra “açoitaste” ao invés de “chicotear”.

A besta, que em mim dorme, acorda em berros
Acorda, e após gritar a última injúria,
Chocalha os dentes com medonha fúria
Como se fosse o atrito de dois ferros!
(DOS ANJOS, 1998, p.46)

E em seguida o eufemismo se dá na amenização do animal “cobra” com uma série de termos que a requisitam como uma, visto como o mais traiçoeiro nos textos bíblicos atrelado ao contexto poético.

ANTONOMÁSIA

“Como as estalactites da caverna, / Cai no silêncio da **Cidade Eterna** / A água da chuva em largos fios grossos...” (DOS ANJOS, 1998, p.47)

A cidade eterna é um fato representativo no poema de Augusto que se revela como o Vaticano em Roma, como figura de eternidade.

A PROSOPOPEIA OU PERSONIFICAÇÃO

“O termômetro negue minha febre, / Torne-se gelo o sangue que me abrasa, / E eu me converta na cegonha triste” (DOS ANJOS, 1998, p.47)

A ativação do ser inanimado o “termômetro” a negação de sua finalidade como objeto e a auto conversão do sangue em gelo.

“A Morte, em trajes pretos e amarelos, / Levanta contra mim grandes cutelos / E as baionetas dos dragões antigos!” (DOS ANJOS, 1998, p.46)

A animação de uma ferramenta de cozinha ou cutelo usada pela morte, outro fenômeno de certa forma inanimado contra o “eu” e as baionetas ou estiles são vistos como parte dos dragões a lhe atacarem.

APÓSTOFRE

“Chegou a tua vez, oh! Natureza! / Eu desafio agora essa grandeza, / Perante a qual meus olhos se extasiam.” (DOS ANJOS, 1998, p.46)

O clamar pela natureza enfática e a implícita chamada de um Deus.

CLÍMAX

“Dorme a casa. O céu dorme. A árvore dorme. / Eu, somente eu, com a minha dor enorme” (DOS ANJOS, 1998, p.47)

Referente ao sentido do clima que se detém a esses dois versos vê-se a ação do verbo dormir na casa, no céu, na árvore de forma que a intensidade aumenta quando o “eu” infere o clima a sua dor na solidão das coisas adormecidas.

HIPÉRBOLE

Ao terminar este sentido poema
Onde vazei a minha dor suprema
Tenho os olhos em lágrimas imersos...
Rola-me na cabeça o cérebro oco.
Por ventura, meu Deus, estarei louco?!
Daqui por diante não farei mais versos.
(DOS ANJOS, 1998, p.47)

A estrofe começa com um sentido que dá ênfase à sua finalidade e no final singular do poema, o último verso intima o leitor a própria indagação ao eu lírico e ortônimo de Augusto dos Anjos.

A materialidade fria e a imaterialidade do espírito

Para ele o princípio da vida era a interpenetração de substância e imaterialidade, forças opostas e inimigas. Somente a separação desses princípios incompatíveis poderia salvar o homem. Mas a separação do espírito e matéria era a morte corporal. (MIRANDA, 2000 apud KERN, 2008, p. 16)

A ilusão³ senão a fuga intelectual para a verdade do ego⁴, a fachada racional desse id⁵ intrinsecamente instintual. Autor atemporal, que transita nas diversas escolas literárias⁶, o simbolismo de caráter velado de subjetividade esmiúça as paredes das mentes humanas, por vez a macabra visão existencialista e poética de Augusto dos Anjos. Um homem estudioso, com o intelecto que se afia nas filosofias e nos livros de medicina, majestosamente onde nasce termos tão excêntricos e esdrúxulos, a intimação sombria do realístico fim que nos espera, indaga a personalidade naturalista, parnasiana, e simbolista com toques legítimos e reais do convívio que se depara numa antítese, duas verdades que se incorporam na ciência e na religião, a materialidade senão a desmaterialização orgânica e as possíveis indagações aos fenômenos existenciais. Em suma “Após a deterioração da orgânica corporal o que virá?”.

Sartre por ventura descansa seu pensamento numa corrente existencial e humanista. Sua base que visa o material, ateadado a uma influência marxista e de um pensamento que desde o princípio é totalmente independente e inovador engendra a total responsabilidade que temos a partir do eixo que nos antecipa que é o nascimento. A natureza de Augusto dos Anjos espelha a de

³ Segundo Freud em “Futuro de uma ilusão” o ser humano se encontra fadado às complicações de sua personalidade, abordando como tema principal a religião.

⁴ O ego é um aspecto racional da personalidade do indivíduo que se responsabiliza pelo controle dos instintos do Id segundo precursor da psicanálise, Doutor Sigmund Freud.

⁵ O id simboliza a parte mais primitiva do homem como fonte de energia psíquica, segundo Freud é no id onde os instintos mais primitivos do homem são liberados.

⁶ Em específico o simbolismo e o parnasianismo, nitidamente caracterizado como pré-modernista.

Sartre, que consiste em seu trabalho numa única perspectiva tangível e totalmente inerente ao homem “a liberdade”, como resposta a mesma e aos desafios que nos impõe escolhas, e nos gera angústias.

“Para iludir minha desgraça, estudo. / Intimamente sei que não me iludo. / Para onde vou (o mundo inteiro o nota)” (DOS ANJOS, 1998 , p.45)

Seria o conhecer intelectual a libertação do indivíduo diante as incertezas para com o mundo?

Pré-modernista antecipou o modernismo, com um cunho que segue a regulação e a linguagem culta dos versos e a liberdade de enunciação de um “eu” estigmatizado pela melancolia da vida e a ascensão de um externo, puramente social que coerce e introjeta as peculiaridades padronizadas de determinada época totalmente voltadas para o superego⁷ .

Para Dona Mocinha ele é ainda e sempre será aquele menino que tomava aulas debaixo do tamarindo [...] (MIRANDA, 2000 apud KERN, 2008, p.20)

A tênue vida de uma criança de natureza singela, vê-se nos estudos desde muito novo através de seu pai que lhe implicou o almejo de um status, da saída de um pacato engenho que lhe trouxe querendo ou não uma resolução, a de poeta mais fluente e influente de sua época, de estilo próprio e invejável. Afim disso, estudar seria uma inevitável obrigação ou as garras de uma possível essência que acorrenta o futuro de muitos gênios?

Justamente por se ter apenas a existência, o ser humano formula uma essência e corre atrás da mesma por toda a vida de modo a manipulá-la e distorcê-la no processo, como se a mesma fosse real e acima de tudo ideal, adentra-se ao anonimato atrás dessa certeza. Estudar seria o anonimato?

A problemática no contexto do poema explicita de maneira inicial os estudos na controversa do conhecimento como a matéria-prima de um futuro, de uma vida completa ressarcida dos dons da felicidade e do consumismo. Chegara a não ser totalmente uma perda de tempo ou uma ilusão de vida que se vêm construindo desde o cerne dos tempos?

⁷ O superego é a parte moral e idealizadora do sujeito enquanto indivíduo de uma sociedade e produto também de seu meio.

A liberdade sentencia a responsabilidade, e as suas possíveis consequências. A corrente existencialista detém-se a princípios libertadores e totalmente existenciais, a angústia, o desamparo, os inevitáveis desesperos e a má-fé violadora de não encarar a vida de frente. Desde Platão vê-se que antes de o homem existir, há uma essência de homem que se firma a guerrear, ou a pensar ou a trabalhar, quaisquer que seja dessas essências o possível desalinhamento das mesmas traria a infelicidade, fidedignamente por não se estar executando a finalidade no mundo. Trilhando esses primeiros versos vê-se a consciência diante o escrito com um íntimo lúcido demais para não escrever sobre a explícita escuridão de sua personalidade estrondosamente perfeccionista e intelectual que não é de passível omissão.

A própria dubiedade de um cego a par de um mundo que lhe espreita a indiferença, que se atém infelizmente por nada se vê, análogo à adjetivação prática e fisionômica da passividade de um chinês indolentemente idiota.

“Nos meus olhares fúnebres, carrego / A indiferença estúpida de um cego / E o ar indolente de um chinês idiota!” (DOS ANJOS, 1998, p.45)

A analogia de um cego e de um chinês idiota revela seus olhos negros, impregnados pela morte, um tanto quanto assídua em suas poesias.

A FILOSOFIA DE MUNDO

Freud defendeu em suas obras duas pulsões vitais que carregamos em vida, a primeira refere-se a Eros, Deus do amor consequentemente à pulsão de vida movida pela libido, onde se encontra as necessidades e satisfações humanas e Thanatos o da morte, reverenciando a pulsão de morte⁸ que sintetiza a ação destrutiva do homem. Essa estrofe clareia a profunda intenção freudiana, a partir do momento que se encapsula no interior dilemas e limites ideais, de maneira que se abstém da vontade de vida⁹ reprimindo-a no sentido a deslocar-se de sua própria natureza em uma realidade que o externo obriga.

⁸ A pulsão de morte contrária à pulsão de vida implica na ação destruidora do homem intrinsecamente primitiva.

⁹ Eros, Deus grego do amor como pulsão de vida do homem.

Então o olhar destrutivo se volta para dentro de forma mais profunda que a necessária.

A passagem dos séculos me assombra.
Para onde irá correndo minha sombra
Nesse cavalo de eletricidade?!
Caminho, e a mim pergunto, na vertigem:
— Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem?
E parece-me um sonho a realidade.
(DOS ANJOS, 1998, p.45)

A interpretação se acolhe de amplos sentidos, como se trata friamente de séculos, pode-se ter e convém-se a um ciclo espiritual, onde a vida se transcende em vidas ou a própria ênfase de uma hipérbole na palavra “séculos”.

E o que eu encontro agora dentro de mim, é uma coisa sem fundo, uma espécie aberratória de buraco na alma, e uma noite muito grande e muito horrível em que ando [...~] (VIDAL, 1967 apud KERN, 2008, p. 23).

O contexto em que se aplica o discorrimento das passagens exprime a relação onde sombra cavalga sobre um cavalo plenamente enérgico pelo poder motriz da eletricidade. A sombra num desdobramento mais real enquanto Augusto, não se remete a uma alma?

Visionário de uma matéria orgânica exprime em versos termos tão substanciais e em clame de indagações a premissa que se esvai de uma sensação de sonho a manifestação de uma realidade. Um eu, cujo nome se pergunta uma origem.

Os distúrbios de um “eu” em aspectos freudianos embasam um elo entre interior e a modelagem externa. Enquanto sujeito, os prazeres se detêm ao princípio de não exercer esse direito de satisfação. Eis a pulsão de morte que também é o princípio¹⁰ e objetivo da vida, senão a fonte de vontade de vitalidade dos poemas augustinianos?

A pulsante ideia, de questionar o mundo não se apreende no fato de que não se tem respostas, mas pelo desejo de encontrar um sentido. Quando a responsabilidade de viver não se ampara em nada, se vê que o nada diante

¹⁰ Existem dois princípios segundo Freud, o da realidade segundo tem que viver conforme a mesma e o do prazer puramente instintual.

seres inanimados e irracionais concomitantemente puros objetos da natureza, na insalubre e real ideia que move o ser é a de inventar e reinventar seus vários sentidos não por via de um Deus, mas perante a existência que se tem que arcar. Em análogo e inverso pensamento, o filósofo Santo Agostinho entoa que o ser humano se comporta em três realidades, nas quais compactua a existência de um ser maior que fundamenta o livre arbítrio numa síntese, a de que o nosso “ser interior” é a razão por debaixo dos desejos e que estes últimos são frutos da consciência de escolha, no momento que não há nada que fundamente o certo do errado, o bem do mau, por si só a relatividade destes é permissível e acima de tudo subjetiva.

“Assim sendo, qual é, pois, o princípio que constitui a excelência do homem, de modo que animal algum consiga exercer sobre ele sua força, ao passo que o homem exerce seu poder sobre muitos deles? Não será por aquilo que se costuma denominar razão ou inteligência?” (TRESANDO, s/d, 2010)

A natureza humana ao mesmo tempo em que é livre guarda na alma uma essência baseada na lógica¹¹. A liberdade de ser não espreita a completa liberdade, mas a faculdade humana de ceder às escolhas que a convenha ou não, o que se pode ou não, provar ou renunciar. O ser humano fruto de uma contingência superior segundo Agostinho, habita em essência na alma humana um Deus onde se traça limites e é a partir da inerência de ser que podemos dar sentido ao fenômeno divino através da razão, nessa última onde muitos comungam da fonte da incredulidade se firma a base da credulidade.

Para Kierkegaard o tédio¹² que se instaura sobre a vida é o pior dos males. Augusto, demasiado Augusto dos Anjos, inerente a si próprio tem em sua imaginação o berço hediondo da realidade em versos, o frescor da morte e a estética de termos aplicados ao contexto.

É verdade que essa obsessão da morte – como a sua tendência para cantar o horrendo, a podridão e a desgraça – vinha da sua constituição de homem doente, desorganizado, devastado pelo desequilíbrio orgânico dos hipocondríacos. (LINS, 1947 apud KERN, 2008, p. 125)

¹¹ Lógica agostiniana, a lógica da essência da alma humana.

¹² Segundo Kierkegaard, foi no tédio que os deuses criaram o homem e no mesmo Adão necessitado de companhia apresentado com Eva e assim por diante o mal afronta e se acumula cada vez mais.

O tédio não se vigora apenas das passividades das horas, mas a de se tornar passivo diante a vida. Em Kierkegaard lançam-se três modos de vida, o estético que se pormenoriza nas futilidades e na inconsciência sobre o passageirismo mundano, a ética seguida por valores morais e a religião que não carrega à estilística e nem a ética visto a submissão diante Deus. Porém o valor que se da à vida, em termos de paixão denota a verdade subjetiva de cada um, por vez a crença resultaria no valor do que se crer. Arriscar-se a vida para Soren Kierkegaard é viver intensamente, quando se escolhe um caminho os outros se apagam. Nisso os níveis de abstração e imaginação á realidade de Augusto dos Anjos no Poema Negro, se voltaria a uma imaginária percepção enfada e temerosa concentrando na morte o valor real das suas crenças e nos seus escritos.

Pode-se ver em Kierkegaard uma base conceituada em concepções existencialistas, mas ao mesmo tempo totalmente intrínsecas em valores e paixões.

CONFLITOS INTERIORES

As ideias no poema negro consolidam a angústia de ser humano e o paraíso tirado por um ato puramente senão humano.

O amor pela morte enquanto Augusto advém de uma verdade, senão duas únicas verdades a do nascimento e a da morte. Santo Agostinho refere-se a duas naturezas do homem, a primeira exponencialmente inocente no sumo da criação e a mundana de ordem corruptível. Exprime Agostinho a substancialidade de Deus, afirma que o “não comer” não é uma substância assim como o pecado não se é, mas privar-se da substância divina seria o pecado.

O alimento, para Agostinho, não é Deus – em um sentido panteísta –, pois, não podemos esquecer que esta passagem é uma analogia metafórica. (TRESANDO, 2010, n.p)

A fome do homem nunca é saciada, visto que a ordem dos desejos mundanos se antecipa aos desejos divinos. A própria manifestação do primeiro dia do ciclo em primeiro de janeiro refere-se a interminável sede pelo

pecado, importante deveras é que a singular existência humana advinha do pecado, sendo que viver sem pecar é comumente impossível, mas viver-se-ia na lógica das consequências do pecado para com a alma, limita os males terrenos e a suposta defesa do mau contra espírito.

“O corpo em Agostinho é passivo, ele recebe as inerências da alma que o corrompe, desta maneira, a corrupção atávica dar-se-ia “na alma”, pois ela é infectada pelo pecado de Adão e transmite este pecado para toda humanidade.” (TRESANDO, 2010, n.p)

O desvario da mente de Augusto em seus poemas arregala bem os tons cinzentos de suas estrofes e a personalidade enquanto escritor das mesmas:

É sabido que a tuberculose pulmonar condiciona em suas vítimas um particular estado de espírito [...] São, em geral, manifestações de tonalidade depressiva ou de feitio hipocondríaco, geradas pelo terror do aniquilamento orgânico [...] (DE MELO, 1942 apud KERN, 2008, p. 20)

Nas seguintes estrofes aprofundamos a percepção filial, maternal do eu lírico de Augusto dos Anjos:

Tu não és minha mãe, velha nefasta!
Com o teu chicote frio de madrasta
Tu me açoitaste vinte e duas vezes...
Por tua causa apodreci nas cruzes,
Em que pregas os filhos que produzes
Durante os desgraçados nove meses!
(DOS ANJOS, 1998, p.46)

A noção que esses versos dão é de adoção a um seio materno ou a predisposta unção religiosa que é Maria.

Pois bem! Chegou minha hora de vingança.
Tu mataste o meu tempo de criança
E de segunda-feira até domingo,
Amarrado no horror de tua rede,
Deste-me fogo quando eu tinha sede...
Deixa-te estar, canalha, que eu me vingó!
(DOS ANJOS, 1998, p.46)

Maria de Nazaré, mãe de Jesus Cristo foi à ponte do filho de Deus ao mundo. Ampliando as percepções a contextos bíblicos:

“O fruto do Espírito Santo apresentado em Gl-5:22-23, está assim dividido: três são interiores, três são exteriores e três são

teocêntricos. Notamos que há nove dons do Espírito Santo na 1ªCo-12, referindo-se a poder e ao caráter conforme Gálatas 5:22-23.” (Bíblia e catequese, 2017, n.p)

A precisão que se dá a comparação entre o nascimento do homem e o nascimento do espírito santo se confere. A princípio o próprio nascimento do ser humano se constitui em nove meses e em verossimilhança bíblica o fruto do espírito santo, Jesus Cristo nasce explicitamente pela junção dos nove dons do espírito santo de Deus.

A interpretação de pai, principalmente nas concepções psicanalíticas de Freud se remete a um possível preenchimento de uma ausência paterna. Seria a ausência inversa, agora? A ausência de um pai celestial? A discórdia luta entre filho mundano e pai divino remete a consciência de uma infância perturbada pelas dúvidas incessantes de um Deus e a vingança de um filho. Relação que altera de Jesus para com Deus, mesmo depois do seu sepultamento a vingança não lhe encheu os olhos, diferentemente da origem mundana que incita e pede a sua intervenção e quando não se tem atacam como esfomeados e bastardos de um pai ausente.

A autenticidade dos seres humanos se renova nas verdades religiosas e na adoção de um Deus. Desde os atos de indulgências e os atos do cristianismo de conversão aos protestantes curvam-se as ideias de um sentido.

Estou em Roma. É Sexta-feira Santa.
A treva invade o obscuro orbe terrestre.
No Vaticano, em grupos prosternados,
Com as longas fardas rubras, os soldados
Guardam o corpo do Divino Mestre.
(DOS ANJOS, 1998, p.46)

A sociologia embasa seus conceitos no materialismo histórico dialético consumando a ideia do concreto principalmente em Karl Marx. Weber em sua dinâmica centraliza o sujeito e o impõe como autônomo de sua ação que leva o mundo a solidariedade das relações, indaga em princípio a própria origem do capitalismo, levando-se a crer seu nascimento no protestantismo. Marx indagou o ato de revolução consciente do sujeito sobre o meio em que se encontra, referente a isso e a percepções existenciais:

“De Jesus Cristo resta unicamente / Um esqueleto; e a gente, vendo-o, a gente / Sente vontade de abraçar-lhe os ossos!” (DOS ANJOS, 1998, p.47)

O ser humano promissor de uma inteligência formal fortalecida na distinção em que o indivíduo tem do que é abstrato e da objetividade da vida e o possível deslocamento dessas últimas lhe concerne como apto de sua natureza e virtudes. Humanos, demasiado humanos, com fecunda tristeza e a vontade de ser mais do que apenas carne, envaidece em solução aos conflitos existenciais o sentido de um Deus justo e forte. A metáfora que Augusto propõe reverencia o contexto desesperador do homem e a ruína que a terra escarnece sobre seus olhos, a de que Deus também é “esterquilínio”. O Vaticano símbolo referencial do cristianismo em Roma afia ainda mais a controversa da amplidão de um fenômeno supremo, a simples ossada e a curiosa superstição sobre dias divinos. Freud em “O mal estar na civilização” dá dois conceitos chaves, a de civilização e o de massa, a parte civilizada seria a minoria onde os que pensam voltam-se para a reflexão e as massas tempestuosas, cômodas e egoístas visam unicamente um olhar raso sobre as questões da vida e conformam-se com o pré estabelecimento da mesma, seja por percepções religiosas ou sociais ou a indissociável união destas. A misticidade para Freud, o levanta um consenso em sua obra a de que a religião nada mais é que um amparo, mas por seguinte na amplitude central das ideias o desejo “oceânico” de ser um religioso engajado, ou ditar-se como um é prazeroso. O levantamento das filosofias e dos seus próprios ensaios sobre os comportamento humanos traz para Sigmund Freud a redundância de que o mesmo nunca sentira essa sensação.

“Na Eternidade, os ventos gemedores / Estão dizendo que Jesus é morto!” (DOS ANJOS, 1998, p.46)

Esclarecendo não a verificação de um Deus, mas na inalterada constituição da própria questão existencialista mesmo que o “Senhor” existisse:

Não! Jesus não morreu! Vive na serra
Da Borborema, no ar de minha terra,
Na molécula e no átomo... Resume
A espiritualidade da matéria

E ele é que embala o corpo da miséria
E faz da cloaca uma urna de perfume.
(DOS ANJOS, 1998, p.47)

O “resume” que se dá exclama a existência divina numa inversão onde Deus se incorpora à natureza, de volta à casa e o ar confortante de sua terra. A molécula, uma entidade elétrica puramente neutra é o recipiente de um conjunto de átomos, a divisão coeficiente entre as mesmas separa a estrutura dos átomos da própria junção material a que se dá o sentido atômico, essa dicotomia entre molécula e átomo é mutuamente dependente e sua dissociação se torna impossível.

A sinestesia entre esses pequenos núcleos derivados da física quântica em analogia ao corpo e ao espírito estima nos versos de Augusto a possível separação dos mesmos e ao cheiro fétido da cloaca¹³ a um aroma de perfume. Deus nesses versos simboliza-se como onipotente, onipresente e onisciente, capaz de criar o ser humano enquanto alma e matéria, a de lançar suas sementes ao mundo e ao fim resgatar os espíritos de maneira que a carne serviu de carcaça para a sobrevivência mundana, visão excêntrica que guarda os pensamentos de Santo Agostinho quanto ao manter a essência da divindade da alma humana integralmente lúcida e coesa da origem desse mundo e da volta a um paraíso.

Meu coração, como um cristal, se quebre
O termômetro negue minha febre,
Torne-se gelo o sangue que me abrasa,
E eu me converta na cegonha triste
Que das ruínas duma casa assiste
Ao desmoronamento de outra casa!
(DOS ANJOS, 1998, p.47)

A radicalização nesses termos contrários a descentralização de um ego e a inevitável alteridade ao outro pressupõe a desgraça que puramente não é de um, mas de todos.

Ao terminar este sentido poema
Onde vazei a minha dor suprema
Tenho os olhos em lágrimas imersos...
Rola-me na cabeça o cérebro oco.
Por ventura, meu Deus, estarei louco?!
Daqui por diante não farei mais versos.

¹³ Cova.

(DOS ANJOS, 1998, p.47)

Termina de maneira dramática e eufórica, o sentido de libertação perante o poema e a indagação a si como “eu” lírico a de estar morto. Assim, fechando de maneira problemática a não composição mais de versos, uma mistura sincrética de um “eu” que exprime por si e por todos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia é um dos gêneros mais envolventes da língua, em geral. A partir dela, concebemos a transcendência da vida humana, toda construída dentro de um tecido nobre da língua, cheia de figuras de linguagem que dão ritmo, cadência, equilíbrio, musicalidade às palavras.

A poesia de Augusto dos Anjos está cheia de todos esses elementos, nela a existência humana ganha uma vivacidade negra, dura, mas bela, a sua forma de interpretar o mundo e de encará-la desde uma perspectiva existencial e orgânica, com um teor quase medical, faz com que nos deslumbremos com um estilo “nunca visto”, destoante, um consagrado exemplar do Pré-modernismo brasileiro que antecipa de maneira exuberante os versos livres que se farão soar por todo o século XX, até os dias atuais.

A poesia, nesse sentido, cria um importante vínculo com a filosofia, explicita os fundamentos desta por meio da linguagem ficcional, a qual é, em certos momentos, quase fugidia, mas que nos integram a própria vida.

REFERÊNCIAS

BÍBLIAECATEQUESE. O Espírito Santo: Seus dons e frutos, 2017. Disponível em: bibliaecatequese.com/o-espírito-santo-seus-dons-e-frutos/. Acesso 13 de Junho de 2018.

CANÇÃONOVA. O ateísmo de Sartre, 2008. Disponível em: <https://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2008/07/22/o-ateismo-de-sartre/>. Acesso 12 de Junho de 2018.

DOS ANJOS, Augusto. Eu e Outras Poesias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ESCOLA DE FILOSOFIA. Agostinho - Do Livre Arbítrio, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ve49H5cVTq4&t=4244s>. Acesso em 10 de Junho de 2018.

Freud, S. (1987). *O futuro de uma ilusão* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1927).

Freud, S. (1996a). *O mal-Estar na civilização* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1929).

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. *Versos, sons, ritmos*. 14ed. São Paulo: Ática, 2008.

KERN, D. A vida como mosaico: a construção de Augusto dos Anjos em a Última Quimera. **Signótica**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 15–25, 2008. DOI: 10.5216/sig.v20i1.5108. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/5108>. Acesso em: 14 de junho de 2018.

TRESANDO. Santo Agostinho – O Livre Arbítrio, 2010. Disponível em: <https://tresando.com/2010/07/28/santo-agostinho-o-livre-arbitrio/>. Acesso em 15 de Junho de 2018.